

GÊNESE E DESLOCAMENTOS NA HEGEMONIA DO CAPITALISMO HISTÓRICO EM WALTER BENJAMIN

Otávio Barduzzi Rodrigues da Costa

RESUMO

No texto fragmentado e inacabado *O Capitalismo como Religião*, Walter Benjamin propõe que o capitalismo pode ser entendido como um sistema religioso e não apenas econômico. Segundo ele, o capitalismo não funciona apenas como uma estrutura material de produção, mas assume as características de uma religião na qual tudo é subordinado a seus princípios. Para Benjamin, o capitalismo impõe uma lógica de dívida contínua, onde as pessoas sentem uma culpa perpétua que só pode ser "paga" por meio de consumo e produção. Esse ciclo sem fim gera uma ansiedade e uma insatisfação constantes, em vez de oferecer redenção ou alívio, como as religiões tradicionais. O capitalismo exige devoção e dedicação diárias, sem pausas. Diferentemente de religiões com dias sagrados e rituais específicos, o "culto" capitalista é constante e envolve uma dedicação ao consumo, ao trabalho e à acumulação. No capitalismo, não há a promessa de uma salvação final ou um estado de paz espiritual; ele é um sistema que perpetua o desejo, a carência e o consumismo. É uma religião sem redenção, na qual a satisfação plena nunca é alcançada. Benjamin vê, assim, o capitalismo como uma religião moderna que transforma todas as relações humanas, naturais e espirituais em transações e que gera uma sociedade centrada no consumo, em que a busca por sucesso e bens materiais é incessante e inescapável. Esse artigo, através da análise bibliográfica quer contribuir para o pensamento dessa e de outras obras do autor.

Palavras-chave: Capitalismo. Religião. Culpa.

GENESIS AND SHIFTS IN THE HEGEMONY OF HISTORICAL CAPITALISM IN WALTER BENJAMIN

ABSTRACT

*In the fragmented and unfinished text *Capitalism as Religion*, Walter Benjamin proposes that capitalism can be understood as a religious system and not just an economic one. According to him, capitalism does not function only as a material structure of production, but assumes the characteristics of a religion in which everything is subordinated to its principles. For Benjamin, capitalism imposes a logic of continuous debt, where people feel a perpetual guilt that can only be "paid" through consumption and production. This endless cycle generates constant anxiety and dissatisfaction, instead of offering redemption or relief, as traditional religions do.*

Doutor em Educação, arte e história da Cultura pela Mackenzie. Mestre em filosofia (UNESP). Antropólogo (UNESP), Advogado (ITE), Pedagogo (FACOL), Historiador (Mozarteum) e filósofo (ETEP). Diretor da EMEF João Leão. Brasileiro, residente em São Paulo.

Email: joebarduzzi@yahoo.com.br

Capitalism demands daily devotion and dedication, without pauses. Unlike religions with specific sacred days and rituals, capitalist "worship" is constant and involves a dedication to consumption, work and accumulation. In capitalism, there is no promise of a final salvation or a state of spiritual peace; it is a system that perpetuates desire, lack and consumerism. It is a religion without redemption, in which complete satisfaction is never achieved. Benjamin thus sees capitalism as a modern religion that transforms all human, natural and spiritual relationships into transactions and that generates a society centered on consumption, in which the search for success and material goods is incessant and inescapable. This article, through bibliographical analysis, aims to contribute to the thinking of this and other works by the author.

Keywords: *Capitalism. Religion. Guilt.*

Um conto de Walter Benjamin para lembrar o dia de seu nascimento (15 de julho de 1892):

"Uma luz.

Pela primeira vez estava a sós com minha amada. Era em uma pequena aldeia em um lugar bem desconhecido. Estava a sua espera em frente ao local em que estava hospedado - que não era o mesmo que o dela -, pois havíamos combinado um passeio noturno. Enquanto a aguardava, passei pela rua de cima à abaixo e então, foi que ao longe, entre as árvores, vi uma luz. 'Esta luz - pensei - não diz nada a quem a vê todos dias a noite, mas a mim, um estranho nesse lugar, diz muitas coisas'.

Em seguida, dei a volta e percorri todo o trajeto da rua da aldeia, coisa que continuei fazendo durante um certo tempo. Passados alguns minutos, regressava sempre ao mesmo ponto: a luz entre as árvores atraía meus olhos. Alguns instantes antes de reencontrar com a minha amada, quando me obriguei a parar a caminhada, olhei para trás uma vez mais e compreendi tudo: a luz que havia visto do nível do chão era a luz da lua que se levantava lentamente por entre as colinas ao longe."

(em "Historia y relatos")

Analisando o texto de Walter Benjamin: O capitalismo como Religião, chega-se a conclusão de que o capitalismo também é uma religião. O iminente pensador alemão declina que o capitalismo hoje tem a função de fazer cumprir o que antigamente as religiões prometiam: o paraíso. Prometem uma felicidade através do consumo, uma inclusão através do trabalho, um suposto sentido para a vida em seu exercício econômico e político. É claro que como crítico da civilização (segundo Michel Löwy em prefácio à edição brasileira o capitalismo

Doutor em Educação, arte e história da Cultura pela Mackenzie. Mestre em filosofia (UNESP). Antropólogo (UNESP), Advogado (ITE), Pedagogo (FACOL), Historiador (Mozarteum) e filósofo (ETEP). Diretor da EMEF João Leão. Brasileiro, residente em São Paulo.

Email: joebarduzzi@yahoo.com.br

como religião), Benjamin vai avaliar inúmeros aspectos do capitalismo, mas principalmente de como se constituiu na sociedade burguesa do ocidente.

O burguês capitalista, segundo Benjamin, é aquele que busca a frivolidade, a felicidade, a segurança do que o capital pode comprar em sua propriedade privada, ali diz o autor ele está no paraíso. Em suas memórias descreve a segurança do burguês em seu lar:

A miséria não tinha vez naqueles aposentos, nem mesmo a morte. Neles não havia lugar algum para morrer; por isso é que seus moradores morriam em sanatórios, mas a mobília, já na primeira linha de herdeiros, foi parar nas mãos de comerciantes. A morte não fora prevista para eles. Por isso, durante o dia, aqueles recintos pareciam tão aconchegantes e, à noite, tornavam-se o cenário de pesadelos. (Benjamin, 1987, p.96)

A vida burguesa se confunde com a vida privada e com o egoísmo que só a vida privada pode produzir, não é mais a comunidade que interessa para a vida capitalista burguesa e sim sua segurança e vida privada acumulada pelo seu trabalho, é a vida da sua família, o coletivo e o trabalho não importa para o burguês que vive na sua vida de lazer e frivolidade paradisíaca. Benjamin fala de quando começou talvez tal mentalidade:

Pela primeira vez, o espaço em que vive o homem privado se contrapõe ao local de trabalho. Organiza-se no interior da moradia. O escritório é o seu complemento. O homem privado, realista no escritório, quer que o *interieur* sustente as suas ilusões. Esta necessidade é tanto mais aguda quanto menos ele cogita estender os seus cálculos comerciais às suas reflexões sociais. Reprime ambas ao confirmar o seu pequeno mundo privado. Disso se originam as fantasmagorias do "interior", da interioridade. Para o homem privado, o interior da residência representa o universo. (Benjamin, 1991, p.37)

As ilusões a que o autor se refere na citação acima é a falta de percepção do mundo lá fora, da miséria, da fome, da exploração a qual ele sabe que existe, mas que seguro no interior de sua casa com sua mobília herdada não quer saber. Se pudermos levar para o mundo de hoje a televisão e as comunicações lhe nutrem a ilusão, dentro de sua sala mostrando um mundo de sonhos, aventuras e fantasia onde se realiza. O celebre escrito não tratou exatamente da Televisão, sendo algo raro na sua época, nem é provável que tivesse assistindo televisão, porem fala prevê que as câmeras poderiam estar em todo lugar e isso introduzir

Doutor em Educação, arte e história da Cultura pela Mackenzie. Mestre em filosofia (UNESP). Antropólogo (UNESP), Advogado (ITE), Pedagogo (FACOL), Historiador (Mozarteum) e filósofo (ETEP). Diretor da EMEF João Leão. Brasileiro, residente em São Paulo.

Email: joebarduzzi@yahoo.com.br

a um malefício na capacidade de crítica do ser humano. Na sua crítica a reprodutibilidade da arte afirma que a câmera, espalhadas em todos os lugares leva a um estado de letargia mental.

Outro elemento destacado é capacidade das câmeras (cinematográficas e fotográficas) de nos levar a um inconsciente óptico. “Aqui, a câmera intervém com os seus meios auxiliares, os seus “mergulhos” e subidas, as suas interrupções e isolamentos, os seus alongamentos e acelerações, as suas ampliações e reduções. A câmera leva-nos ao inconsciente óptico, tal como a psicanálise ao inconsciente das pulsões. (Benjamin, 1994, p.178)

Assim seguros nas suas casas, na sua mobília, no seu mundo construído de fantasia se sentem no seu paraíso construído, a custa do seu trabalho, com direito para desfrutar das benesses da proteção de Deus. A mitologia religiosa judaico cristã, dentre outras, chamam sempre o paraíso de proteção de morada. Na mentalidade Judaica o Deus IEVE é escudo, fortaleza e broquel na Bíblia Sagrada (1995, Salmos 18), na bíblia cristã no apocalipse haverá no paraíso uma morada (1995, apocalipse 22), a mitologia nórdica, profundissimamente ligada ao imaginário protestante, põe como paraíso do guerreiro o Valhalla, uma fortaleza onde há banquetes e lutas gloriosas, o conceito de fortaleza como paraíso está ligado em varias mitologias e religiões. Assim na sua casa, ou na máxima popular, a casa de um homem é seu castelo, o burguês se sente no paraíso (Campbell, 2001).

Note-se a uma casa na mentalidade burguesa é um direito para poucos. Apenas quem lutou tem direito a moradia. A propriedade privada é tida como um direito divino e sagrado desde as revoluções burguesas. Esse é o direito mais sagrado para o burguês, mais do que a dignidade humana, mais do que a prometida igualdade e imaginária fraternidade.

A mentalidade burguesa na sua falsa segurança além de dinheiro quer fama. Fama e fortuna, reconhecimento u pelo seu trabalho, ou pelo seu dinheiro ou pela ilusão que se vende esse é o atual espírito do capitalismo. A imagem antes vendida pelo cinema, agora universalizada pela televisão é o que Benjamin criticava através do crítico de arte Georges Duhamel, “que detesta o cinema e nada sabe do seu significado, mas percebe algo das suas estruturas.”

Doutor em Educação, arte e história da Cultura pela Mackenzie. Mestre em filosofia (UNESP). Antropólogo (UNESP), Advogado (ITE), Pedagogo (FACOL), Historiador (Mozarteum) e filósofo (ETEP). Diretor da EMEF João Leão. Brasileiro, residente em São Paulo.

Email: joebarduzzi@yahoo.com.br

(1994, p.181). Estruturas essas que Benjamin aceita serem perversas e vendedoras de uma ilusão, salvo raras exceções na sua produção. Relembrando o crítico francês Duhamel, “em sua opinião (a Duhamel) o cinema é “um passatempo para a ralé, uma diversão para criaturas iletradas, miseráveis, gastas pelo trabalho e consumidas pelas preocupações...um espetáculo que não exige concentração nem pressupõe qualquer capacidade de esperança a não ser a esperança ridícula de vir a ser estrela em Los Angeles” (idem). Assim há um constante espraiamento da ilusão e do amortecimento intelectual para Benjamin. Pensamos hoje que esse pode ser multiplicado pela televisão. Todos pensam que podem viver uma vida mostrada pelos meios de comunicação e o burguês capitalista quer viver exatamente essa sua forma de paraíso.

O capitalismo como afirma Bresser-Pereira (2011), não é só uma forma econômica de relações de produção, mas se configurou através da história como forma política e cultural. Afirma Bresser-Pereira: “A revolução capitalista foi uma transformação econômica, social e política de tal forma importante que podemos dividir a história em duas grandes fases: a antiga e a moderna, ou a pré-capitalista e a capitalista” (idem, p. 2). Assim o capitalismo, mais do que uma relação econômica é uma configuração histórica de multi relações humanas que permeia a mentalidade do ocidente (pós?) moderno. Vivemos no capitalismo.

O capitalismo é uma religião segundo Benjamin uma que culpabiliza Lembrando sobre a culpa, na cultura judaico-ocidental se inicia quando o povo no deserto, desobedecendo a Moisés, adoraram um bezerro de ouro, mas o homem agora alimentou e adora esse bezerro, já crescido e posto simbolicamente no centro do capital, em Wall Street, como um agora, já fortalecido um boi de ouro, o povo agora não sente culpa em adorar ao capital. Como analisa Benjamin, o capitalismo é uma religião na qual o culto se emancipou de um objeto de adoração e passou a ser o seu próprio ato de consumir e não há culpa, tabus, nem pecados ao contrario das religiões, e, portanto, não há redenção há só felicidade prometida (mas raramente alcançada). Então, do ponto de vista da fé, o capitalismo não tem nenhum objeto:

acredita no puro crédito no dinheiro a ser alcançado por um lucro que virá, nesse porvir, no lucro é encarado pelo burguês como a promessa de paraíso.

A religião do capital é nova porque não há sacrifício messiânico, a culpa segundo os nãos existentes, mas reais cânones dessa religião, é de cada um que fracassa, que não enriquece. O pobre não é visto como aquele que não teve oportunidade, mas como aquele fracassado, provavelmente pecador. O capitalista pensa se está nessa situação é porque é ruim e mal e deve ser ladrão, devo tomar conta da minha carteira. O pobre é culpado por seu próprio fracasso, o *self-made man* é o santo, o herói mitológico que trabalhou e merece sua casa fortaleza. Quanto mais rico, mais agraciado ele, e é clara a relação apontada por Weber na sua ética protestante. Só que ao contraio do capitalista de Weber que vivia num ascetismo intramundano, o burguês moderno quer aproveitar todas as benesses que os meios de comunicação querem lhe vender.

O inferno é a pobreza. Na visão do capitalista burguês não ter dinheiro e fama é o pior dos castigos. O destino de cada um é ligado ao caráter, mas o caráter valorizado pelo burguês nada tem a ver com amor ao próximo ou bondade, mas sim o caráter deve ser ambição, espírito de acúmulo, egoísmo e esperteza são os caracteres valorizados. O pobre vive no inferno. A pior coisa para o capitalista é não ter bens. O pobre é considerado não coo apenas infelizmente, mas de mal caráter, como bandido ou que merece estar em situação de pobreza. Há o predomínio do pensamento de só é pobre quem quer.

1 O culto

Há um culto ao dinheiro, o objeto de desejo e de adoração não é algo transcendente, mas o vil metal, o deus adorado se torna o dinheiro (Agamben, 2012). O artista Andy Warhol, sensível ao seu tempo, pintou em uma quadro uma nota de um dólar e ao invés da expressão “in God we Trust” (em Deus confiamos) ele escreveu “This is your god”, esse é o seu deus. No capitalismo não há perdão de vidas há garantias de dívidas, que se tornam novos lucros. No capitalismo não se pode pagar com sangue do Cordeiro suas dívidas.

Doutor em Educação, arte e história da Cultura pela Mackenzie. Mestre em filosofia (UNESP). Antropólogo (UNESP), Advogado (ITE), Pedagogo (FACOL), Historiador (Mozarteum) e filósofo (ETEP). Diretor da EMEF João Leão. Brasileiro, residente em São Paulo.

Email: joebarduzzi@yahoo.com.br

Também é pouco provável que uma divindade vá pagar as dívidas creditícias, disso só decorre a descrença na força de Deus e a crença na força do capital.

A culpabilização da religião Cristã se dá pelo assassinato de Cristo no Calvário, não há culpa no capitalismo apesar de varias vítimas que ele gera por ser uma religião sem responsável e sem Deus antropomórfico a quem culpar. A religião tem a função de ser o fundamento da cosmovisão que legitima a ordem social vigente, assim o capitalismo como religião legitima a ordem do lucro. E essa ordem lida a uma cosmovisão intensa, a de continuar lucrando a qualquer preço.

Há um vácuo na objetividade do mundo, que esta no cerne da visão sistêmica de mundo e na inversão dos objetos e do papel do humano, agora são os objetos, e não as pessoas que fazem as coisas. Benjamin (1994) em sua *Magia arte e técnica* consideraram sobre esse risco, das pessoas serem substituídas por coisas, e de que os objetos é que fazem tudo. E o dinheiro é quem faz, tira do homem a sua responsabilidade do uso das maquinas e do dinheiro. Esta inversão teórica desculpa o ser humano. O ser humano não é o ser que constrói o mundo em Deus. No capital, o ser humano é um objeto a ser usado, e quem constrói o mundo agora passa a ser o dinheiro em uma inversão da objetividade do agir do homem.

Benjamin (1987, p. 69) evoca, os termos “dívida” e “culpa”. Segundo numa perspectiva histórica do de que não podemos separar esses dois termos, no sistema da religião capitalista, a “culpa mítica” da dívida econômica, surge como algo sem culpabilização. O capitalismo é um culto que não resgata, mas deixa um sentimento de culpa apenas nos sensíveis. Neste sentido, este sistema religioso, surge após o colapso de do cristianismo. Uma enorme sensação de culpa, incapaz de se render, deu proveito a esse culto, e sua culpa, em vez de ser resgatadas é universalizada, gravada na consciência, até que o próprio Deus é preso na rede culpa, de modo que, finalmente, ele próprio está interessado em sua expiação. Não se pode, portanto, esperar que isso aconteça no próprio culto, ou a reforma dessa religião, uma vez que teria de agarrar-se a algo sólido que aparentemente não existe na história (isso seria o verdadeiro cristianismo, mas

Doutor em Educação, arte e história da Cultura pela Mackenzie. Mestre em filosofia (UNESP). Antropólogo (UNESP), Advogado (ITE), Pedagogo (FACOL), Historiador (Mozarteum) e filósofo (ETEP). Diretor da EMEF João Leão. Brasileiro, residente em São Paulo.

Email: joebarduzzi@yahoo.com.br

foi rejeitado como mito). A essência deste movimento religioso que é o capitalismo é parte de sua capacidade de percorrer todo o caminho, de fornecer todas as repostas finais, até culpar a Deus¹, para atingir o estado de desespero no mundo.

Em certa divagação Hinkelammert (2008, p. 113) inicia e com uma frase bem emblemática “o Capitalismo surge com a pretensão de ser a instância de salvação”, atribui o começo desse ao mercantilismo exploratório colonial, porém sua ideologia à obra de Adam Smith. Acusa seriamente que a as posições cristas dos primeiros séculos eram ao contrario fazendo uma explanação teológica de Mateus 6:24 com a citação de Jesus: "Não se pode servir a Deus e a Mammon". Porém o que ocorreu foi ao contrario ocorreu uma espiritualidade do mercado. Hoje é o capital e o dinheiro que promete o paraíso e a felicidade não mais as coisas espirituais.

Com Adam Smith o mercado é visto como um Deus dotado *de vontade*, um ser supostamente inteligente. Adam Smith não da a função de Divindade ao mercado mas seu discurso revela um sub-Tom, como se o mercado tivesse uma vontade, uma equilibrio, que faz parte da herança organicista do pensamento moderno. É um Deus ex-machina, que aparece na história para tentar amarrar as pontas soltas e não consegue. Um patético, cruel e inventado deus que só servia aos interesses burgueses.

2 A (in)justiça do mercado

O mercado, a tudo toma conta e passa a ser o regulador das relações sociais, mais do que isso, passa a ser o centro das sociedades, se infiltrando no dia-a-dia das pessoas. A referencia passa a ser mercado e recursos, mercado de trabalho, de capitais, de alimentos, da droga, mercado matrimonial, religioso e de bens simbólicos, não há expressão mais assustadora, por exemplo, do que recursos humanos: ou seja, para a produção de bens e serviços o ser humano é reduzido a um recurso, um bem substituível a qualquer momento. Outra

¹ É comum no discurso capitalista de culpar a Deus e não ao homem pelas misérias humanas decorrentes das relações de exploração.

Doutor em Educação, arte e história da Cultura pela Mackenzie. Mestre em filosofia (UNESP). Antropólogo (UNESP), Advogado (ITE), Pedagogo (FACOL), Historiador (Mozarteum) e filósofo (ETEP). Diretor da EMEF João Leão. Brasileiro, residente em São Paulo.

Email: joebarduzzi@yahoo.com.br

expressão odiosa é “regime de bens” num casamento, o casamento algo espiritual, de uma relação sagrada e de amor entre duas pessoas, é reduzido a uma garantia contratual.

O direito aparece, portanto, como a perpetuação da ordem mítica nas sociedades que pensavam tê-la eliminado. O juiz pode encontrar em todos os atos humanos a um inexorável destino ; O processo de julgamento penal descreve no seu termo não mais um homem, mas um "homem puro e simples", uma "vida simples", "natural", vida entre outras vidas , determinada na sua "aparência" pela sua participação; ao "natural" no universo da "culpa" e da "infelicidade" (Benjamin, 1991, p. 175) . É justamente essa "naturalização" da culpa que toma o direito um "resíduo do plano demoníaco da existência humana". Se uma operação de ordem "filosófico-histórica", tal como Benjamin busca empreender, poderia nos libertar dessa "troca enganosa". Como vemos, longe de repetir a argumentação iluminista, Benjamin começa a escrever a "O capitalismo como Religião".

No decorrer da história, houve uma inversão de tal monta que os homens "confundiram" direito com justiça, aquele mascarando-se com esta, conduzindo a humanidade a se enredar cada vez mais nas teias da fatalidade : Equivocadamente, por causa de sua troca enganosa com o mito da justiça, a ordem do direito, que é apenas um resíduo do plano demoníaco da existência humana, determinou não apenas suas [a dos homens relações com as normas jurídicas , mas também com os deuses, conservou-se para além do tempo em que se inaugurou a vitória sobre os demônios. (Benjamin, 1991b, p. 174)

A obra de E. Durkheim (2000.p.261) já afirma que: “não há religião sem comunidade (igreja)”. O mercado como religião marca a nova comunidade que é a sociedade moderna. As pessoas se reconhecem e se valorizam pelo poder de compra que tem. Uma pessoa de bem é aquele que tem poder de consumo.

A religião do mercado tem os seus comportamentos e dogmas. Como exemplo:

- O mercado é causa de desigualdades; assim é um produtor de vítimas, que ou são exploradas ou são vítimas da violência causada pela comunicação que leva desejos aos que não podem e por isso roubam violentamente multiplicando as vítimas (Messner, Rosenfeld, 2000)

Doutor em Educação, arte e história da Cultura pela Mackenzie. Mestre em filosofia (UNESP). Antropólogo (UNESP), Advogado (ITE), Pedagogo (FACOL), Historiador (Mozarteum) e filósofo (ETEP). Diretor da EMEF João Leão. Brasileiro, residente em São Paulo.

Email: joebarduzzi@yahoo.com.br

- O mercado dentro da ordem capitalista mundial gera concentração de riquezas nas mãos de poucos países e de poucos magnatas e desestruturação social e miséria para a maior parte da humanidade (Hoffmann, 1994).
- Não é mais a fé que move céus é terra é outra coisa que tem atribuída tal força. O lema fundamental é: “o dinheiro tudo pode, move o céu e a terra”.
- A propaganda tem a função de uma felicidade salvífica. Se você não pode ter a mercadoria X você não é feliz. Se você não tem mercadoria e não pode ser bem-sucedido portanto é um excluído e não é uma pessoa de bem.
- As mercadorias são representantes de desejos mais profundos da alma.
- A propaganda é uma autentica catequese, um ensinamento do que deve ou não ter para ser feliz.
- O culto dominical são os programas televisivos.
- A grande festa anual é o natal. Não para comemorar o nascimento do Salvador, mas uma festa de consumo e presentes a quais as crianças são educadas desde cedo.
- Os templos são as lojas.
- A peregrinação são as novas viagens; os grandes shoppings e cidades do consumo, e turismo, Disney World, Miami, Paris etc.
- Os sacerdotes são os que conhecem as regras do jogo, advogados, que garantem a propriedade privada e seu pagamento, economistas e banqueiros.
- As vestes rituais para participar da sociedade são as roupas de marca caríssimas tal como Ermenildo Zegna, Nike, Lacoste etc....quando se está vestido assim o ser se torna bem-quisto na sociedade. Quando não veste, é um excluído dela.
- A ética principal é o interesse pessoal, egoísta, competitivo com sede de crescimento financeiro patológico.

Assim, se constrói e produz a religião da espiritualidade do mercado.

Doutor em Educação, arte e história da Cultura pela Mackenzie. Mestre em filosofia (UNESP). Antropólogo (UNESP), Advogado (ITE), Pedagogo (FACOL), Historiador (Mozarteum) e filósofo (ETEP). Diretor da EMEF João Leão. Brasileiro, residente em São Paulo.

Email: joebarduzzi@yahoo.com.br

Tal religião promete felicidade a todos os que a consomem. Essa promessa falha fragorosamente uma vez que poucos tem o poder de ter tudo o que se apresenta para consumo. As mercadorias tem status divinos e de bênçãos. A elas se adjudicam características salvíficas. É no contanto com o novo sagrado que surge uma nova ética de ser a da competição e concorrência no mercado, seu semelhante passa a ser visto como concorrente. A mística que move as pessoas no capitalismo é ganhar dinheiro para ganhar mais dinheiro; comprar mais, comprar mais para consumir mais e mais. É no poder de consumo, que se mede o caráter de uma pessoa segundo essa lógica. O ser humano é medido em Ter e não em Ser. Numa sociedade assim, a pessoa tem a sua dignidade reconhecida nas relações mercantis, no mercado. Os pobres são marginalizados exatamente pela sua impossibilidade de acesso ao mercado. Esses milhares que são a maioria do mundo são invisíveis e reduzidos a mero problemas políticos, seres humanos incapacitados de participar de acesso aos bens que na eles mesmos produzem em um total estado de alienação, alienação do produto de seu trabalho, alienação causada pelo sistema de propaganda. Na tentativa desesperada de sobreviver e de seus filhos perde-se o amor ao próximo.

O mercado disfarça sua finalidade (o lucro) em respeito a certos direitos humanos, porém alcançar a plenitude desses direitos se tornam impossível visto a finalidade do mercado não ser alcançar esses direitos (meio ambiente ecologicamente equilibrado, justiça, saúde, educação pleno emprego etc..) e sim o lucro. Desse modo a finalidade do homem (e não só da empresa) também passar a ser o lucro, impossível não lembrar do epíteto de Hobbes, como nessa lógica pessoal vai surgir o homem: a resposta é apenas como lobo do homem, como concorrente de seu semelhante.

A liberdade humana nessa relação fica ilusória e prejudicada uma vez que o homem só tem liberdade para consumir. Hinkelammert, (2005. p.122) diz da liberdade de escolher entre uma sociedade de plena convivência e uma sociedade Hobbesiana, mas não há como agir sobre tais suposta liberdades frente a força poderosa do capital. O próprio autor diz que a democracia está a

Doutor em Educação, arte e história da Cultura pela Mackenzie. Mestre em filosofia (UNESP). Antropólogo (UNESP), Advogado (ITE), Pedagogo (FACOL), Historiador (Mozarteum) e filósofo (ETEP). Diretor da EMEF João Leão. Brasileiro, residente em São Paulo.

Email: joebarduzzi@yahoo.com.br

serviço do capital (idem, p.132). Não se existe liberdade para se escolher entre igualdade e fraternidade pois isso implicaria em abrir mão da propriedade privada e do lucro o que aparentemente ninguém quer escolher.

Justiniano (2001) em Roma já falava de uma teoria do espelho atribuída a Marx, que afirma que o sistema jurídico é uma reflexo das relações econômicas. Por exemplo quanto a satisfação dos débitos para garantir as dívidas, já lecionava Gaio (idem) (Digesto, 27, 10, 5) a ideia de que só deverão ser vendidos os bens do executado que se mostrarem suficientes para a satisfação dos seus débitos. É o princípio da satisfatividade, informativo da tutela jurisdicional executiva previsto no artigo 659 do Código de Processo Civil Brasileiro em varias leis do ocidente. Além disso as questões de herança eram puramente materiais como nos direito ocidental hoje e não mais patrimônio sentimental ligado ao nome. O direito sempre teve relação íntima ao econômico. O que serve para uma análise do capital como regras imperiais de domino como aponta Jung et all (2012) pela qual o império capitalista a tudo domina.

Assim nessa lógica elementos de direitos humanos tal como vida e liberdade tem menos valor que a propriedade. Até bem pouco tempo atrás na historia no Brasil e em alguns países ainda persiste, a ideia de se ir preso por dividas materiais, o que da a liberdade um valor menor que a propriedade. Isto para não falar nas violentas retomadas de propriedade abalizadas pelo Estado muitas vezes com mortes a qual se depreende de que a vida tem menos valor do que propriedade.

3 O lucro e o ídolo

O capitalismo usa sua fabrica de guerra e morte, mas tem um fim: o lucro (Harvey, 2006). Ele supera suas crises com maquinas e mais maquinas de guerra donde se produz mais lucro e impulsiona a indústria, Hinkelammert (2005, p.193) apontando para a triste inversão de direitos humanos que pretendia Locke, mostra que os direitos não se propuseram a maioria dos homens mas só a elite. Assim o capitalismo e a técnica com sua maquina de guerra assim como

Doutor em Educação, arte e história da Cultura pela Mackenzie. Mestre em filosofia (UNESP). Antropólogo (UNESP), Advogado (ITE), Pedagogo (FACOL), Historiador (Mozarteum) e filósofo (ETEP). Diretor da EMEF João Leão. Brasileiro, residente em São Paulo.

Email: joebarduzzi@yahoo.com.br

sua razão produz monstros como o autor cita a famosa obra de Goya. Esses monstros são produzidos em uma estética de morte, corrupção, invencibilidade e domínio, ou seja, a própria essência da monstruosidade. Ainda o capitalismo moderno ao se opor a certos valores produz outros monstros como o fundamentalismo.

O homem, que se deixou seduzir pelo ídolo da técnica, por fenômeno de ressentimento, os despreza e procura a afirmação de si mesmo na vontade de dominação do mundo, não mais visto como um meio para a realização dos valores mais altos, mas como fim em si mesmo: donde a civilização da técnica, o industrialismo e o capitalismo. Ferreti (1972, p.12) afirma, analisando as obras de Scheler, o seguinte:

Logo não há mais plenitude de vida, não mais o amor para o mundo e para a plenitude de suas qualidades, não mais a autocontemplação desinteressada como objetivo real do homem, mas cálculo utilitarista com fim em si mesmo, redução da natureza ao seu aspecto exatamente mensurável e seguramente dominável, fanatismo do trabalho e do lucro, avaliação somente das qualidades humanas de diligência, rapidez, capacidade de adaptação, que possuem uma utilidade aos fins lucrativos. O nascimento da ciência moderna e a concepção mecanicista da natureza não são as causas, mas sim os efeitos dessa nova atitude, que consagrou a natureza, privando-a de Deus, da alma, de todo valor e qualidade.

Além da perda dos valores do espírito, a ciência e a técnica causaram um desgaste profundo nas relações humanas. Buber (2001) observou agudamente que, com o passar dos séculos, o mundo material se engrandeceu mais e mais, enquanto o mundo das relações pessoais pouco a pouco se restringiu. Um processo é a consequência do outro, visto que “o desenvolvimento da capacidade de experimentar e de utilizar cresce com a diminuição da capacidade do homem de criar uma relação dialógica”(op. cit. 2001, p. 45) Hoje, parece que a relação dialógica ficou menor, e que tenha cedido lugar àquela do domínio entre homens e de subjugação entre estes e a natureza e subjugando a próprio Deus.

Mitos são desconstruídos para dar lugar a outros não mais para explicar a vida, mas para subjugar a vida a um sistema cruel de poder. Porém outros mitos surgiram para dar certa razão ao modo de vida moderno, para fazer uma consideração o mito da caverna de Platão: em nossa sociedade apenas se enxerga

Doutor em Educação, arte e história da Cultura pela Mackenzie. Mestre em filosofia (UNESP). Antropólogo (UNESP), Advogado (ITE), Pedagogo (FACOL), Historiador (Mozarteum) e filósofo (ETEP). Diretor da EMEF João Leão. Brasileiro, residente em São Paulo.

Email: joebarduzzi@yahoo.com.br

o que quer e não percebemos que somos escravos de nosso próprio desejo imposto por um sistema maior que nos prende a nos mesmos. A concepção Cristã nos convida a olhar ao próximo e a transcender nossos desejos em prol de um bem comum. O pentecostal pode ter potencial para acreditar em uma mudança que a bíblia convida de deixar a lucratividade e a viver uma ética mais cristã: Filipenses 3:7: "Mas o que, para mim, era *lucro*, isto considereei perda por causa de *Cristo*". *Tem o potencial para viver assim mas recentemente assume uma teologia contrária, mais adaptada ao capital, a teologia da prosperidade.*

4 Os novos mitos – conclusão

Para Adorno (1999, p. 30), analisando a obra de Benjamin, Benjamin não critica os mitos e as religiões pelo contraio, para Adorno a tarefa principal da filosofia de Benjamin é dar uma reconciliação do mito com a filosofia, não para adotar a explicação mitológica, mas para mostrar que ainda vivemos sobre mitos e que eles perfazem nossa vida. Ele na verdade quer superar o dualismo ontológico entre varias formas de conhecimento como arte, filosofia e ciências, e recompreender o valor da riqueza estética assim como a arte que o mito também tem sua riqueza estética e procura explicar muitas coisas.

A riqueza do mito não está na sua história em si, mas no seu poder de traduzir a realidade de um modo estético e que as pessoas assumem como verdade mais do que a ciência. Vivemos para Benjamin, segundo Adorno, em mitos e artes ou melhor o mito e a arte têm mais força de explicação e de aceitação do que a ciência.

Segundo Hinkelammert (2005, p. 47), os mitos antagonizam a razão instrumental, porém a razão instrumental vive, quando do seu interesse, certos mitos tal como a mão invisível do mercado. O autor afirma que a modernidade cria mitos e são contra os mitos que se confundem com religião. São contra os mitos gregos, mas criam mitos como o do progresso, do crescimento patológico, da democracia racial, da igualdade de oportunidade de igualdades, da verdade absoluta da ciência (que pretende explicar tudo) e vive segundo esses mitos. Os

Doutor em Educação, arte e história da Cultura pela Mackenzie. Mestre em filosofia (UNESP). Antropólogo (UNESP), Advogado (ITE), Pedagogo (FACOL), Historiador (Mozarteum) e filósofo (ETEP). Diretor da EMEF João Leão. Brasileiro, residente em São Paulo.

Email: joebarduzzi@yahoo.com.br

mitos segundo Campbell, são as histórias que conduzem nossas vidas, “Mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana” (Campbell, 2007, p. 14) assim esses mitos, sobretudo o do progresso, é o que tem pautado a sociedade moderna. Não importa quem exclua ou quem deixe ferido, essa é a certeza que tem pautado nossa sociedade assim os sofrimentos e exclusões são justificados porque alguém disse que é assim que os mundos devem funcionar, é a própria essência do mito.

Um deles é que a ciência e o seu produto comercializável, as tecnologias, que foram apropriadas pelo capitalismo para gerar dinheiro tem as potencialidades para resolver todos os problemas humanos. De comunicação a depressão, da produção material a fome, da impotência sexual ao deslocamento espacial, a tecnologia quer resolver todos os problemas, as vezes até os espirituais e emocionais através de remédios caros e globalizados.

A habilidade e a facilidade com que o homem cria técnicas sempre novas e mais perfeitas provocou nas gerações recentes uma confiança sem limites no progresso humano, nas possibilidades de levá-lo à frente até a realização do paraíso na terra e à feliz solução de todos os problemas e mistérios do homem. Mas é realmente verdade que as ciências e a técnica têm o poder de resolver todos os problemas e enigmas humanos? Não tem.

Aliado a toda manutenção de conhecimento único, surge a ideia de que conhecimento é poder (Westhelle, 2008) e que esse poder foi jungido ao capital e serviço desse, ou seja a ciência foi submetida ao “interesse do capital” (Panikkar, 2005, p. 20), sendo assim o poder ao qual se refere Marcuse (1973) é em sua crítica a modernidade é o próprio capital. Para entender o trunfo do capital sobre os valores antes religiosos, houve um triunfo da comunicação que trouxe e confirmou a modernidade e propôs sua própria crise.

Surgiram, no seio da modernidade, novas tecnologias da comunicação, produtos dessa ciência racionalizada, que levou o homem a um movimento de consumo desmedido e capitalizado. As pessoas passaram a ser valoradas não pela sua essência, e sim pela sua capacidade de consumo. Termos antes caros

Doutor em Educação, arte e história da Cultura pela Mackenzie. Mestre em filosofia (UNESP). Antropólogo (UNESP), Advogado (ITE), Pedagogo (FACOL), Historiador (Mozarteum) e filósofo (ETEP). Diretor da EMEF João Leão. Brasileiro, residente em São Paulo.

Email: joebarduzzi@yahoo.com.br

a humanidade como a teologia como alma, bondade, caridade não tiveram mais lugar.

A modernidade a tudo racionaliza. A tudo matematiza, a tudo contabiliza, a tudo registra de tal maneira, o homem fica reduzido a um negócio de contabilidade, que interessa particularmente aos registros das taxas e dos seguros (*Steuerug und Sicherrung*), para utilizar uma expressão de Heidegger (2007, p. 113). A razão dita racionalizada que serve para equilibrar o mercado, nunca produziu tanta loucura, quem não se encaixa no sistema e tem uma crise é considerado louco. Esse suposto diagnóstico só serve aos interesses do sistema de poder político e econômico estabelecido (Foucault, 1990).

REFERÊNCIAS

ADORNO, G, **Letter's about Walter Benjamin**, Alex Coles (ed.), Black Dog Publishing, London, 1999.

AGAMBEN, Giorgio. **Permanente Emergência**. Entrevista. Globo, Caderno Prosa e Verso, 4 dez. 2012. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/512966-giorgio-agambenacesso> em 13/03/2014.

BÍBLIA. **Bíblia Cristã Thompson de Estudo**. Trad. João Ferreira de Almeida. Edição rev. e corrigida. Rio de Janeiro - RJ :CPAD-1995

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. As duas fases da história e as fases do capitalismo, **Crítica e Sociedade**: revista de cultura política. UFU, v.1, n.1, jan./jun. 2011. ISSN: 2237 – 0579. Acesso em 17/07/2015, disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/criticassociedade/article/view/13505/7720>

BENJAMIN, W. “**Infância berlinense por volta de 1900**”; tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa, em: *Obras escolhidas*, v. II. São Paulo: Brasiliense, 1987

BENJAMIN, W. **Paris, capital do século XIX**; tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa, em: *Obras escolhidas*, v. I. São Paulo: Brasiliense, 1991

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In:_____ . *Magia e Técnica: ensaios sobre literatura e história da*

Doutor em Educação, arte e história da Cultura pela Mackenzie. Mestre em filosofia (UNESP). Antropólogo (UNESP), Advogado (ITE), Pedagogo (FACOL), Historiador (Mozarteum) e filósofo (EETEP). Diretor da EMEF João Leão. Brasileiro, residente em São Paulo.

Email: joebarduzzi@yahoo.com.br

cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 165 – 196.

BENJAMIN, W. As Afinidades Eletivas de Goethe. In __: **Ensaio reunidos: Escritos sobre Goethe**. São Paulo: Editora 34/ Duas Cidades, 2009;

BENJAMIN, W. **O capitalismo como religião**. São Paulo: Boitempo editorial, 2013;

BENJAMIN, W. **Escritos Sobre Mito e Linguagem**. São Paulo: Editora 34/ Duas Cidades, 2011; Letícia Olano Morgantti Botelho 122 Pólemos, Brasília, vol. 1, n. 1, maio 2012

BUBER, M. **Eu e vós**. São Paulo: Centauro, 2001.

CAMPBELL, J. **Mitos, sonhos e religião**. Trad. Ângela Lobo de Andrade e Bali Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 9.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2006.

HEIDEGGER, M. **Nietzsche**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. v. 2.

HOFFMANN, R. **Distribuição de renda: medidas de desigualdade e pobreza**. São Paulo: EDUSP, 1998.

FERRETTI, G. **Max Scheler, fenomenologia e antropologia personalística**. Milano: Vita e Pensiero, 1972.

HINKELAMMERT, F. J. **Hacia una crítica de la razón mítica: el labirinto de la modernidade**. México: Driada, 2008.

MESSNER, S. F.; ROSENFELD, R. **Crime and the American dream**. Belmont: Wadsworth, 2000.

JUNG, Carl G [et al.]. **O homem e seus símbolos**. 2.ed.especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008

Doutor em Educação, arte e história da Cultura pela Mackenzie. Mestre em filosofia (UNESP). Antropólogo (UNESP), Advogado (ITE), Pedagogo (FACOL), Historiador (Mozarteum) e filósofo (ETEP). Diretor da EMEF João Leão. Brasileiro, residente em São Paulo.

Email: joebarduzzi@yahoo.com.br

MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional**. 4. ed. Tradução de Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

PANIKKAR, R. Morte e ressurreição da teologia. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 15-29, dez. 2005.

WESTHELE, Vítor. Teologia e Pós-modernidade. In: MARASCHIN, Jaci (Org.). **Teologia sob limite**. São Paulo, ASTE, 1992, p. 143-166.